

QUANDO DOIS MAIS DOIS SÃO MAIS QUE QUATRO: SUCESSO DE ALUNOS DE ESCOLA DE PERIFERIA HOJE ACADÊMICOS DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA UFPEL

NÁDIA REGINA BARCELOS MARTINS¹; DR. MARIA DE FÁTIMA DUARTE MARTINS²

¹ Universidade Federal de Pelotas. E-mail: nadiabarcelosmartins@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas. E-mail: duartemartinsneia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No dia 29 de dezembro de 2004, foi fundada no bairro Getúlio Vargas da cidade de Pelotas, RS, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti. A construção da escola foi o resultado de movimentos sociais do bairro que exigiram a construção de um novo espaço escolar, pois a única escola que existia no bairro – Escola Municipal Getúlio Vargas – não contemplava as necessidades locais. É nesse local e nesse bairro que o estudo que aqui apresento foi desenvolvido.

Esse trabalho teve por objetivo relatar a trajetória de quatro alunos da escola e moradores do bairro que hoje são acadêmicos do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas.

Furtos, assassinatos, prisões, tráfico, tiroteios e mortes de alunos ou de seus familiares fazem parte do cotidiano do bairro transformando-o em um dos “lugares mais perigosos da cidade”. Nossa realidade reflete-se na escrita de ABRAMOVAY (2005), quando esta menciona que “como se percebe, as características econômicas e sociais do bairro e da comunidade, ao lado dos episódios concretos de violência, são fatores que alimentam medo, comprometendo o clima escolar”. Isto implica na grande negação, por parte dos professores de trabalhar neste educandário.

De acordo a pesquisadora ABRAMOVAY (2005) os “diretores dizem que quando a comunidade é *violenta*, isso influi no comportamento dos alunos, trazendo para dentro da escola a lei do mais forte, aquela que predomina na rua.” Em outras palavras, o discente reflete dentro de seu educandário o que é na rua. Se por acaso for o “braço direito” do chefe do tráfico, será temido, respeitado pelos demais colegas; podendo apenas encontrar quem o desafie, se houver algum estudante que pertença a um grupo rival do mesmo.

Em uma reportagem no jornal de maior tiragem da cidade, dois jornalistas, HALPERN E PIEGAS (2013), relataram que houve cinco assassinatos no bairro Getúlio Vargas, em aproximadamente oito meses, o que representa um dos maiores índices se comparado com os crimes ocorridos em outras localidades. Desses óbitos, três casos são familiares de nossos alunos. A maioria dos crimes ocorre em decorrência do uso do crack ou similares. São dívidas pagas com a própria vida.

Embora os dados acima citados apontem para uma realidade dura, percebe-se que a escola, no interior desse espaço considerado violento, proporcionou oportunidades de estudo e de socialização para muitas pessoas dessa comunidade. Para CHARLOT (2005) existem escolas violentas em bairros calmos e escolas calmas em bairros violentos, para o autor não há estigmas. Essa frase permite-nos pensar a Escola Mário Meneghetti como uma escola calma em um bairro violento.

Mobilizada por essas pessoas, que acreditam que a escola é um espaço de aprendizagem e, que embora permeado pela violência da sociedade e, mais proximamente do seu bairro, pode promover melhores condições de vida social e

individual e ser realmente um espaço de aprendizagem, é que esse estudo desenvolveu-se. Nesse local onde transitam pessoas das mais diversas identidades é que procurei nos meus ex-alunos da escola, aqueles que optaram por seguir a minha profissão e tecer junto a eles um texto sobre suas trajetórias desde o Ensino Fundamental até o Curso de Licenciatura em Matemática.

Quatro jovens, dois do sexo masculino e duas do sexo feminino são os quatro ex-alunos que circulam pelos mesmos corredores do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas, caminhos que em alguns anos atrás já percorri. É a história de sucesso destes quatro discentes que retratei em minha pesquisa.

Esse estudo foi aprovado na seleção de Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas e está concluído.

2. METODOLOGIA

Para realizar essa pesquisa sobre meus quatro ex-alunos da escola, hoje estudantes do curso de Licenciatura Plena em Matemática, da UFPEL, coletou-se informações de suas trajetórias desde a 5ª série até os dias atuais com o intuito de conhecer a partir de suas falas como experimentaram esse tempo em que foram atrás de um sonho, suas expectativas, medos, anseios etc. Para essa finalidade realizaram-se entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas e posteriormente decodificadas e analisadas. Considera-se esses alunos como referência em sucesso escolar, pois o índice de alunos dessa escola que chegam a Universidade é de 1,7% aproximadamente.

O conceito de sucesso escolar foi problematizado nesse estudo. Há incertezas relacionadas à definição do conceito de fracasso escolar. Alguns autores remetem-se ao fato dos alunos reprovarem na escola, outros relacionam à falta de estrutura familiar, bem como a inexistência de capital cultural oriundo das mesmas. Ainda tem quem defenda que as condições sociais e discriminatórias em que vivem jovens e crianças é o principal fator que os faça evadir das escolas ou terem baixos índices de aproveitamento.

CHARLOT (2005) menciona que “nunca os sociólogos mostraram, nem disseram, nem pensaram que a família é a *causa* do fracasso escolar. Muitos docentes estão pensando que essa ciência mostrou que a família é a causa do fracasso escolar”. Dessa forma afirma que “a posição que uma criança ocupa na sociedade ou, mais exatamente, a posição que seus pais ocupam não determina diretamente seu sucesso ou fracasso escolar” (CHARLOT, 2005).

LAHIRE (1997) relata que “a descrição fina da configuração familiar da criança permite realmente ver que o “fracasso escolar” de uma criança não está necessariamente associado à “omissão dos pais”, mas, neste caso preciso, a uma distância grande demais em relação às formas escolares de aprendizagem e de cultura” (LAHIRE, 1997).

Para esse estudo utilizou-se a perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de BRONFENBRENNER. Para o autor, os indivíduos desenvolvem-se em ambientes ecológicos denominados microssistemas, mesossistemas, exossistemas e macrossistemas (BRONFENBRENNER, 2011). À medida em que o ser humano vai crescendo, automaticamente vai aumentando seu círculo de relações nos ambientes ecológicos. Essa ampliação de convívio permitirá novos aprendizados e novas possibilidades de crescimento pessoal, emocional e biológico. Isso é o que faz o indivíduo adquirir maturidade e conhecimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo está finalizado e nesse artigo apresentam-se alguns resultados obtidos. Foram realizadas entrevistas organizadas em cinco eixos: o Bairro Getúlio Vargas, a Escola Mário Meneghetti, trajetória percorrida após a saída dessa escola e passagem pelo Ensino Médio, a entrada na Universidade e participação da família nesse processo. Os graduandos foram nomeados de Cristal Rutilado, Ágata Dentrita, Quartzo Sodalítico e Ametista.

De acordo com um dos ex-alunos da Escola Mário Meneghetti, hoje acadêmico de Matemática, foi possível perceber, que as características de uma localidade não são fatores que contribuem para o abandono dos estudos por parte de uma pessoa. Segundo Quartzo Sodalítico

“inicialmente eu não penso que um bairro tenha características pra que uma pessoa chegue onde queira. Acredito eu, que uma pessoa que está na faculdade, por exemplo, é pelo esforço dela. Então o bairro, pode ser... qualquer bairro, pode ser violento, pode ser um bairro calmo, isso não vai influenciar de modo que vá impedir uma pessoa de fazer o que ela queira. Uma pessoa vai chegar onde ela quer por mérito dela, não por causa do bairro. O bairro nem influencia muito nisso” (Q.S)

Quanto à importância da Escola Mário Meneghetti em sua vida, Ágata Dentrita foi sucinto ao citar que

“algumas coisas que hoje em dia, que eu faço (...) alguém me pergunta da onde eu tirei isso e eu digo que aprendi quando era mais novo. Por exemplo, hoje em dia eu falo super bem! Eu vou conversar, vou palestrar no serviço e participar de alguma reunião e todo mundo me dá os parabéns e pergunta como é que eu faço pra falar tão bem. E eu digo que foi coisas que eu aprendi no teatro, na sala de aula, com as professoras me cobrando que eu me soltasse mais, que fosse mais tranquilo, que ficasse mais calmo. (AD)

Ao relatar sobre a chegada no ensino superior, Cristal Rutilado salientou que

“(...) no primeiro semestre eu tomei um tufo tão grande porque no ensino médio a gente não tá acostumado a estudar, presta atenção na hora da explicação e deu. É básico. E na faculdade não é assim. Se tu não estudar, não passa” (C.R)

Sobre a contribuição de sua família para a continuidade em seus estudos, no ensino superior, Ametista mencionou que

“eu acho que o incentivo deles. Sempre me incentivando a continuar. A nunca desistir (...) Eu me lembro que lá nas séries iniciais, de primeira à quarta série, o meu pai me ensinou a tabuada essas coisas assim (...) Depois foi me ajudando. É que o pai tem só a quarta série né. Depois tinha professora particular também (...) As continhas de mais e de menos eram com feijão. Eu me lembro. (A)

4. CONCLUSÕES

Enquanto docente, sempre procurei incentivar minhas turmas para que prosseguissem seus estudos. Tentei fazer tudo que pude para motivá-los a continuar, pois somente o conhecimento pode remeter-nos a novos horizontes. Concordo com ABRAMOVAY (2005) quando fala que

A valorização e o incentivo para que os alunos insistam em continuar estudando, ter algum projeto de mobilidade, contribuem para elevar a autoestima do indivíduo, favorecendo assim a melhoria das relações sociais na escola. As expectativas positivas sobre os alunos podem colaborar para a mudança das relações, tornando-as mais amistosas e tendo impactos significativos no processo de ensino-aprendizagem. (ABRAMOVAY, 2005)

É necessário auxiliar os discentes nas oportunidades que surgirão em seus caminhos. E, se por acaso estas não aparecerem, é papel dos (as) professores (as) oferecer aos alunos informações que os levem até elas. Muitos pais e os próprios estudantes veem na escola a abertura de portas para melhorarem sua condição financeira e como possibilidade de escolher uma profissão, seja através da continuidade dos estudos ou na inserção no mercado de trabalho. Na esteira dessa afirmação, BENATI (2005) ressalta que:

De modo geral, a sociedade espera que a escola cumpra o papel de qualificar os alunos para o mercado de trabalho e, com escolaridade, garantam emprego e um melhor nível social (...) nas camadas sociais mais pobres que veem na escola o único caminho para uma ascensão social. O sucesso nos estudos seria a grande oportunidade oferecida a todos para eliminar muitas desigualdades sociais. (BENATI, 2005)

De acordo com as entrevistas, pode-se inferir que os microssistemas família e escola (principalmente os docentes) foram elementos fundamentais para que os acadêmicos chegassem à Universidade. Ao mesmo tempo, o microssistema bairro, apesar de suas características, não foi ambiente que comprometesse o prosseguimento dos estudos. Os resultados corroboram com BRONFENBRENNER (2011) na medida em que o contexto social influenciou na vida escolar dos estudantes, porém para entender cada um deles, foi preciso compreendê-los em suas dimensões específicas, suas singularidades.

Esse estudo pretendeu dar voz a esses quatro ex-alunos para conhecer suas experiências, no sentido daquilo que os constituiu ex-alunos da escola Meneghetti e hoje alunos do Curso de Licenciatura em Matemática. O bairro, a família e escola foram fundamentais para dar corpo e alma para este trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.

BENATI, Magda Raquel Glienke. **Sucesso escolar na zona escolar: as razões do improvável**. Revista Alfabetização e Letramento. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v.1, n.1, 2005. 342 p.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
HALPERN, Bruno, PIEGAS, Cíntia. **Como reduzir a violência?**. Diário Popular, Pelotas, 23 dez. 2013. Criminalidade, p. 2-3.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.